

MUDANÇAS LINGUÍSTICAS, VARIEDADES APROXIMATIVAS E TRADUÇÃO

LANGUAGE CHANGES, APPROXIMATIVE VARIETIES AND TRANSLATION



Sabine GOROVITZⁱ
Professora Adjunta na Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil
sabinegz@gmail.com

Leonardo Martins LOPESⁱⁱ
Mestrando em Estudos da Tradução (POSTRAD)
Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil
martinslopesleonardo@gmail.com

Resumo: Das demandas midiáticas e comunicativas em um contexto globalizado surge a necessidade do uso de empréstimos linguísticos, tanto para fins de interação como de entretenimento. O uso de variedades aproximativas faz com que as línguas, diacronicamente, sofram modificações tanto na sua organização sintática quanto no léxico e em seu valor semântico, em especial na produção de neologismos incorporados à língua. Assim, a sociolinguística busca entender como as línguas se alteram, por meio de processos recorrentes e cíclicos de influência mútuas que podem ocorrer diacronicamente e sincronicamente, conforme a produção dos falantes. Com efeito, as diversas incidências causadas por constantes contatos de línguas fazem surgir novas criações linguísticas, que se propagam conforme a necessidade de uso, substituindo por vezes terminologias e expressões anteriores. Resultam em uma influência direta cujo eco é observado em processos gramaticais posteriores, desdobramentos das modificações introduzidas. Os falantes determinam quais mudanças serão consolidadas e, ao longo das gerações, tratam os neologismos como já pertencentes à língua, num fenômeno de ampliação lexical. Ao estabelecer uma conexão entre os estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Calvet (2002), Faraco (2004), Labov (2008) e Bortoni-Ricardo (2014) acerca dos pidgins, das línguas crioulas e das possíveis mudanças linguísticas que possam ocorrer dentro de um contexto comunicativo de duas ou mais línguas em contato, analisamos qual a sua importância no âmbito da tradução, e de que forma as afetam diretamente.

Palavras-chave: Sociolinguística, Mistura de línguas, Mudança linguística, Tradução.

Abstract: From the media and communicative demands in a globalized context comes the need of using loan words for interaction and entertainment purposes. Using approximative varieties makes the languages to diachronically undergo changes in their syntactic organization as well as in their lexicon and semantic value, especially by producing neologisms incorporated to the language. Thus, sociolinguistics aims to understand how languages change, through recurring and cyclic processes of mutual influence which may occur diachronically and synchronously according to the speakers' production. Indeed, the several incidences caused by constant language contact provoke new linguistic creations, which disseminate according to the needs, sometimes substituting previous terminologies and expressions. They result in direct influence whose echo is observed in ulterior grammatical processes, which are deployments of the modifications introduced before. The speakers determine which changes will be consolidated and, over the generations, they treat neologisms as belonging to the language in a lexical expansion phenomenon. Therefore, we analyze their importance for the translation and how they are directly affected, by establishing connections among the sociolinguistic studies developed by Calvet (2002), Faraco (2004), Labov (2008) and Bortoni-Ricardo (2014) about the pidgins, the creole languages and the possible linguistic

changes that may occur within a communicative context of two or more languages in contact, we will do an analysis of its importance in the communication range and about which way they are directly affected.

Keywords: Sociolinguistics, Code Mixing, Language shift, Translation.

1. Introdução

Os desafios de interação no mundo globalizado, seja qual for o meio de comunicação, acarretam a necessidade da incorporação, cada dia mais intensa, de empréstimos linguísticos (oriundos principalmente da língua inglesa), dando lugar a um fenômeno de ampliação lexical da língua em que são inseridos e adaptados. Por um lado, quando países adquirem novas tecnologias advindas de fora, importam também os termos para designá-las, empréstimos que promovem um enriquecimento das chamadas “línguas de especialidade”, configuradas por um léxico mais técnico, chamadas de terminologias. Logo, tendo como exemplo o advento da informática e dos múltiplos meios comunicacionais em escala global, se faz cada dia mais presente o uso de termos de origem inglesa (tida na área como língua franca), os chamados anglicismos. Tal necessidade de se recorrer a estrangeirismos advém tanto do caráter inovador do produto importado, quanto do valor semântico inaugural do termo a que se refere. Assim sendo, na área da comunicação, assim como das produções intelectuais e midiáticas, intrinsecamente globais, o uso de estrangeirismos é inevitável, tanto pelo seu apelo mercadológico, como pela falta de unidades lexicais para designar conceitos importados pela língua-alvo. Acerca do uso de empréstimos, Faraco (2004) afirma que

Não há dúvida de que há uma *avalanche* de anglicismos. Por um lado, há os termos da tecnologia e da pesquisa avançada, desenvolvida e registrada quase hegemonicamente nessa língua. De outro lado, há o universo do consumo e dos negócios. O apelo da máquina capitalista globalizante é forte demais para que a mídia da informação, do entretenimento e, principalmente da publicidade queira deixar de explorar as associações semióticas entre a língua inglesa e o enorme repositório de recursos simbólicos, econômicos e sociais por ele mediados. (FARACO, 2004, pp.22-23, *itálicos do autor*)

De tal modo, por meio da incorporação de estrangeirismos, a língua-alvo sofre ampliações conforme são inseridas essas novas terminologias que, inicialmente agramaticais, são paulatinamente assimiladas como um elemento da língua.

Por outro lado, e para além da assimilação de novas tecnologias, os termos importados, em uso constante, são objeto de variações que ocorrem como uma forma produzida pelos próprios usuários de familiarizar gradualmente o termo inaugural, de modo a aproximá-los da

língua-fonte. Assim, termos inicialmente produzidos essencialmente no âmbito de áreas de especialidades, a medida que ocupam novos espaços, revestem também novos valores semânticos e acabam integrando o repertório geral dos falantes. Esse fenômeno ocorre até mesmo sem que haja uma consciência pelos falantes de sua infiltração na língua. De fato, os desvios semânticos são de tal modo progressivos que se fundem implicitamente no repertório dos falantes de determinada comunidade linguística, sendo também um dia integrados aos dicionários e às gramáticas. Essas transformações constantes configuram a dinâmica das línguas sob o efeito das interações e dos intercâmbios. De fato,

[...] as línguas humanas estão em constante movimento, por variação e mudança dentro da comunidade linguística, de uma geração para outra, sendo o contato entre os dialetos e línguas uma força motriz comum e de grande relevância nesse processo. Ou seja, empréstimos, sempre houve e sempre haverá. (FARACO, 2004, pp. 28-29)

Ao se referir às variações linguísticas e aos empréstimos que ocorrem em situação de interação, Faraco afirma que as misturas de línguas são também produzidas como forma de mediação entre falantes de duas línguas diferentes.

Conciliando estas afirmações com as reflexões de Calvet (2002), vale lembrar que o empréstimo linguístico configura uma interferência lexical que pode por sua vez ocasionar novos empréstimos, na medida em que forem necessários: “[...] a interferência lexical pode produzir o empréstimo: mais que procurar na própria língua um termo de outra língua [...] utiliza-se diretamente essa palavra adaptando-a à própria pronúncia” (CALVET, 2002, p. 31). A adaptação da pronúncia pode também advir da necessidade de interação, independentemente da competência do falante da língua-fonte, o que ilustra a produção das chamadas “línguas aproximativas”. O autor especifica que grupos sociais produzem línguas aproximativas para interagir quando não há um conhecimento prévio de língua do outro. Trata-se, com efeito, de

[...] um grupo social, confrontado com outro grupo cuja língua ele não fala e que, por sua vez, também não fala a sua. Se não há uma terceira língua disponível, eles vão inventar para si outra forma de língua aproximativa, geralmente uma língua mista. (CALVET, 2002, p. 33)

O autor ainda faz referência ao uso mais simplificado de uma língua criada, o saber, e, de forma mais ampla e por meio de padronizações sintáticas mais consolidadas, os pidgins:

Essas formas chamadas de sabirs são originalmente utilizadas entre comunidades que não têm língua comum, mas mantém, por exemplo, relações comerciais. Trata-se de um sistema extremamente restrito: algumas estruturas sintáticas e um vocabulário limitado às necessidades de comunicação imediata. Quando essas formas cobrem necessidades de comunicação mais amplas e seu sistema sintático se torna mais desenvolvido, fala-se de *pidgins* [...] (CALVET, 2002, p. 34)

Vale ressaltar que tal forma de intercompreensão caracteriza alguns contextos sociolinguísticos específicos, tais como zonas de fronteira, feiras, portos, etc., espaços marcados pelas interações pragmáticas, muitas vezes motivadas pelas atividades comerciais que caracterizam a relação entre os falantes dos dois lados da fronteira, seja ela real ou imaginada.

Em sua tentativa de descrição formal dessas línguas aproximativas, Bortoni-Ricardo (2014) acrescenta que o pidgin caracteriza-se “pela drástica redução flexional da morfologia da língua-alvo, especialmente no caso das marcas redundantes e pela refonologização do léxico tomado de empréstimo ao superstrato” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 30). A autora sugere assim que estas são marcadas por uma simplificação motivada pela necessidade imediata e rápida de comunicação para fins práticos.

48

A partir dos conceitos acima citados, os sabirs e pidgins, pode-se inferir que a criação de línguas aproximativas e sua ampliação lexical se consolidam e se estabilizam gradativamente à medida que mudanças linguísticas se impõem e permanecem como elemento do repertório de determinada comunidade. De fato, as formas mistas, produzidas repetidamente, pela sua constância e recorrência, acabam sendo alvo de sistematizações até se estabilizarem.

Partindo de tais pressupostos referentes às misturas e conseqüentes mudanças linguísticas, buscaremos, nos parágrafos que se seguem, conciliar os pressupostos teóricos dos autores supracitados - Calvet (2002), Faraco (2004), e Bortoni-Ricardo (2014) - aos questionamentos levantados por Labov (2008, pp. 241-242) a respeito das variações linguísticas, conceitos esses que serão em seguida retomados para se pensar a tradução.

2. Variação linguística e mistura de códigos

A variação de uma forma lexical pode também acarretar uma mudança morfossintática. Assim, da produção de uma palavra, sistematicamente em contato com outras, emergem fusões, novas formas ou substituição de formas anteriores por supostos equivalentes simplificados. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2014) afirma que “[...] a difusão lexical [...] [é] uma mudança

linguística que evolui pelo ‘contágio’ de uma palavra na outra, a qual se opõe à chamada hipótese neogramatical da mudança linguística” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 57). As mudanças linguísticas decorrentes de empréstimos, são de fato fenômenos que seguem caminhos diversos e chagam a ser percebidos pelos falantes como uma forma de contaminação linguística. Acerca desse fato, Labov (2008) afirma que:

A explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística. [...] Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características físicas ou psicológicas do indivíduo. (LABOV, 2008, pp. 19-20)

Labov (2008) sugere aqui que existem processos diferenciados de introdução de uma variante, cada qual apresentando especificidades de acordo com a forma como foram assimilados, mas também com a necessidade de sua produção e com as relações intersubjetivas que se estabelecem entre os falantes em torno da inovação linguística em questão. Tais relações são permeadas por representações recíprocas entre os interlocutores e a respeito da própria variante, que pode ser objeto tanto de estigmatização quanto de valorização e prestígio.

Assim, o autor acrescenta que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 21). Com efeito, quando as variações linguísticas são também acompanhadas de mudanças semânticas, elas adquirem novas funções e logo assumem novos papéis ao serem produzidas em contextos de interação inusitados. Labov (2008) acrescenta ainda que “[...] Somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desenvolver um papel na língua” (LABOV, 2008, p. 43). Trata-se de um processo que pode ocorrer de forma mais ou menos brusca e repentina, ou mais ou menos paulatina, de acordo com a quantidade e intensidade de situações sociodiscursivas em que são produzidas.

Assim, embora caiba aos falantes da língua alvo acolher coletivamente e muitas vezes inconscientemente estrangeirismos em função da necessidade, não são eles que irão determinar as mudanças linguísticas acarretadas pela sua inserção, dentro do seu léxico. Ainda que os estrangeirismos sejam considerados elementos intrusos oriundos de uma determinada língua, este estigma tende a se evaporar com o tempo, já que o falante, de forma sincrônica e diacrônica, e

por meio de sua produção contínua, domestica aquela palavra e a integra paulatinamente ao seu léxico, somando-se ao repertório linguístico e ampliando as possibilidades de variação. Faraco (2004) reafirma o fato de que essas inserções, ainda que inicialmente alvo de preconceito linguístico, ao integrarem o repertório linguístico dos falantes, acabam se fundindo e perdendo sua estrangeiridade:

É um preconceito linguístico supor que o que é percebido como estrangeirismo hoje permanecerá por muito tempo como um elemento estranho e alheio à língua receptora, mantendo sua carga alienígena. [...] Há também quem creia que, pelo uso continuado, os estrangeirismos iriam pouco a pouco minando a língua com elementos alienígenas disfarçados, uma invasão, um Cavalo de Tróia. (FARACO, 2004, pp. 33-34)

Como indica o autor, pode de fato existir uma representação conservadora daquilo que supostamente constituiria a língua originária e pura de uma comunidade, cuja unidade e a integridade estariam ameaçadas pela introdução de ruídos advindos de fora, elementos percebidos por certos falantes como impuros e intrusos.

50

Percebe-se, entretanto, que as dinâmicas linguísticas, incentivadas pela evolução tecnológica e pela introdução na comunidade de objetos e hábitos novos, são tributárias de um movimento incontável. Assim, por exemplo, em situação de interação, um falante pode produzir em seu discurso, aleatoriamente ou não, duas ou mais variantes de uma variável para fazer-se entender e obter reconhecimento do seu interlocutor, caso seja necessário. São estas variações de três ordens: diastráticas (grupos sociais), diatópicas (local) e diacrônicas (faixa etária) (CALVET, 2002, p.99). Para tanto, um indivíduo opta por tal ou tal variante de acordo com os desafios da interação e dessa necessidade pode emergir de maneira sorrateira uma forma inusitada. Calvet (2002) indica ainda que as variações linguísticas são introduzidas na língua em três etapas:

Pode-se considerar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe [sic] frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se *realiza* e alcança a regularidade por eliminação das formas rivais. (CALVET 2002, p. 77, itálicos do autor)

Assim, quando o falante possui em seu repertório mais de uma língua, ele também pode produzir “alternâncias de código” ou pode ainda “misturar os códigos”, quando palavras da língua-alvo são inseridas e se misturam em seu discurso. Calvet (2002) sugere que:

Quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que elas se misturem em seu discurso [...] Aqui não se trata mais de interferência, mas podemos dizer de colagem, da passagem em um ponto do discurso de uma língua a outra, chamado de *Mistura de Línguas* (a partir do inglês *Code Mixing*) ou *alternância de código* (com base no inglês *Code Switching*) [...] (CALVET, 2002, pp. 34-35, itálicos do autor)

Vale ressaltar ainda que as alternâncias de códigos assumem determinadas funções, ao passo que as misturas são produzidas de forma mais aleatória, constituindo-se preferencialmente como um estilo de fala bilíngue.

Com efeito, a passagem de uma língua à outra na interação reveste uma significação social, podendo ser percebida como um recurso linguístico suplementar que se soma ao conjunto de outras ferramentas mobilizadas pelo falante em prol do sucesso da comunicação. De fato, os falantes, ao ampliarem seu repertório, ampliam também suas opções de produção e de variação linguística. Assim, ainda conforme o autor (CALVET, 2002, p. 28), as produções advindas da mistura ou do contato de diferentes códigos podem se manifestar a partir de três tipos de interferência: lexical (alternância entre o uso da palavra da L1 e da L2), muitas vezes rotulada como empréstimo; fônica (modificações de sons conforme pronúncia e grafia) e sintática (interferência gramatical do uso de palavras da L2 na L1), os chamados decalques. Essas variações podem inclusive ocorrer simultaneamente, sempre como forma de criação e adaptação linguísticas. Mais uma vez, vale lembrar que elas também se apresentam como recurso suplementar mobilizado com vistas ao sucesso da interação: introduzem entre os interlocutores elementos implícitos de diversas ordens, como a referencialidade a uma fala externa (sorte de citação ou tradução de citação), o desejo de marcar uma cumplicidade entre dois falantes, ou ainda, ao contrário, de excluir um terceiro falante da interação.

Além disso, os falantes tendem também a ampliar as suas possibilidades formais de produção, embora por vezes essa tendência atenda à necessidade de aproximar-se de uma suposta norma culta ou de uma forma “autêntica” de reproduzir fonicamente determinado termo importado de uma língua estrangeira. Essas idiossincrasias podem revestir uma forma exagerada, considerada até como incorreta ou imprópria pelos interlocutores. São as chamadas hipercorreções que, como tantas outras variantes, sofrem estigmas de ordem coletiva e baseados, na maioria das vezes, em representações fantasiosas compartilhadas por um grupo de falantes.

3. Prestígio e estigmas

Por pressão das normas sociais e de fatores linguísticos, destas, tributários, o falante, em determinadas circunstâncias, busca produzir formas mais elaboradas para tentar manifestar certa excelência no domínio de sua língua ou da língua estrangeira. Para tanto, em situações em que se faça necessário, produzirá empréstimos ou estrangeirismos, que revestem para ele um certo valor agregado. São elementos geralmente importados de línguas de prestígio e introduzidos no discurso como uma forma de demonstração de um domínio bilíngue ou de uma excelência linguística, no intuito de afirmar uma autoridade sobre os interlocutores. Por considerar a própria variedade como desprovida de prestígio, o falante buscará então imitar e até exagerar as formas oriundas de códigos mais prestigiosos.

Buscando descrever mais profundamente tal mecanismo linguístico, Calvet (2012) citando Labov (1976) elenca algumas características das variações linguísticas, em especial da hipercorreção:

52

- 1 – Um traço linguístico utilizado por um grupo A é marcado em relação a outro dialeto padrão.
 - 2 – O grupo A é tomado como referência por um grupo B, que adota o traço e exagera seu uso, como sinal de certa identidade social, por reação a pressões exteriores.
 - 3 – A hipercorreção gerada por uma pressão crescente, combinadas às forças de simetria que agem na estrutura, conduzem a uma generalização do traço em relação a outras unidades linguísticas do grupo B.
 - 4 – Uma nova forma se instaura na medida em que se instala o processo de generalização.
 - 5 – Essa nova norma se instaura pelo grupo contíguo e pelos seguintes, para os quais o grupo B serve de referência.
- (CALVET, 2002, p. 78 apud LABOV 1976, p. 90)

Entretanto, para Labov (2008), as produções são tributárias de um certo “acaso”, ainda que os falantes, motivados pelas pressões sociais e pelo desejo de aceitação, acabem escolhendo imitar formas que interpretam como características de um determinado grupo ao qual gostariam, consciente ou inconscientemente, de pertencer. Calvet (2002), por sua vez, sugere que esse desejo de pertencimento pode levar o falante a exagerar certas formas, como estratégia para “fazer crer que se domina a língua legítima ou fazer esquecer a própria língua” (CALVET, 2002, p. 69).

Sobre esta constância na mudança linguística e suas variantes, Labov (2008) conclui ainda que “todas as observações empíricas de mudança em andamento que têm sido relatadas são explicadas como resultado de um complexo processo de empréstimo, e ficam relegadas a um tipo

de comportamento linguístico conhecido como flutuação ou conflito de formas” (LABOV, 2008, p. 195). Esse chamado conflito remete à tensão que se estabelece entre duas formas concorrentes, processo em que será privilegiada aquela que, intuitivamente ou não, alcançará o maior êxito, tanto em termos comunicacionais como de interpelação identitária. Há também que se levar em conta o aspecto da facilidade e do pragmatismo. Com efeito, “uma luta pela vida está ocorrendo sem parar entre as palavras e as formas gramaticais de cada língua. As formas melhores, mais curtas, mais fáceis estão constantemente passando a dianteira, e elas devem seu êxito a sua própria virtude inerente” (LABOV, 2008, p. 315). Assim, vale ressaltar que uma poderosa motivação na produção do discurso é o pragmatismo linguístico. Busca-se em geral a facilidade por meio da produção de formas mais curtas e eficientes, fenômeno que se observa preferencialmente na fala das crianças, em especial bilíngues, que pescam em seu repertório variantes capazes de satisfazer de modo simples as necessidades da comunicação.

Logo, com base nos conceitos de Labov (2008) e de Calvet (2002) acima apresentados, podemos inferir que a variação é fruto da pressão social exercida tanto pelos pares quanto pelas autoridades da língua (dicionários, gramáticas, academias, etc.), na medida em que o falante procura adequar-se ao padrão exigido, imitando o suposto modelo prestigiado e buscando simultaneamente aproximar-se da língua-alvo (L2) e afastar-se de sua própria língua (L1). Esse fenômeno se manifesta explicitamente nos processos de tradução interlingual, em que o tradutor/falante é guiado em sua prática por aspectos pragmáticos, mas principalmente por representações sobre a(s) língua(s) e suas variantes, representações estas permeadas pelas normas e pelos padrões definidos enquanto tais pelas sumidades linguísticas que atuam como árbitros do que é certo e do que é belo.

4. Considerações finais – Variações linguísticas e tradução

O fenômeno de variação linguística por meio da introdução de formas importadas e a conseqüente modificações do léxico originário - empréstimos linguísticos, pidgins e línguas aproximativas - gera alguns questionamentos: quanto, como e quando os repertórios e as produções se alteram? como operam as mudanças? e como podem ser determinadas? Partindo dos questionamentos levantados por Labov (2008) buscamos aqui apresentar alguns elementos de conclusão sobre o tema de variação linguística e das mudanças que ocorrem ou que são desencadeadas pelo processo tradutório. Como incidem as regras linguísticas no processo

tradutório? E inversamente, como os sistemas de regras mudam sob o impulso do ato tradutório? Quais são os mecanismos de ampliação que se manifestam pela tradução, em termos de criação e inovação linguísticas?

Buscando alguns elementos de resposta às questões apontadas acima, sugerimos em primeiro lugar que as regras linguísticas estão diretamente associadas a normas sociais, hierarquizadas e estigmatizadas por modelos e preconceitos linguísticos. Segundo Labov (2008), “a maioria das regras linguísticas estão muito abaixo do nível da correção social e não tem normas sociais explícitas associadas a elas” (LABOV, 2008, p. 226). A diferenciação introduzida pelas variantes é associada a mudanças sociais subjacentes, as quais ocasionam modificações na língua que acompanham de forma sincrônica processos diferenciados de formas anteriormente desconhecidas, assim como neologismos, resultando em padrões linguísticos cuja evolução se adéqua ao uso. Labov (2008) sugere ainda que “a heterogeneidade não é apenas comum, ela é resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (LABOV, 2008, p. 238). Isso significa que o próprio da linguagem é a mudança e que esta é motivada por atitudes com relação às produções que tendem a sofrer hierarquizações que remetem, na realidade, à hierarquias de comportamento social.

Vale ressaltar que as restrições impostas pelas regras linguísticas são determinadas pela sociedade e pelos próprios falantes, que definem as fronteiras entre uma forma de maior prestígio e outra, estigmatizada. A evolução do léxico também se estabelece por meio de uma relação de forças simbólicas entre a fonte (falante) e o alvo (ouvinte).

No processo tradutório, esse duelo fica claro: o tradutor volta-se hora para um lado hora para outro, sempre comparando, sempre hierarquizando os dois lados de sua interação. Eles se deixa orientar tanto pela diferença de valor atribuída às línguas por ele postas em relação, tanto pelas representações que interferem em cada uma das próprias línguas.

Assim, Calvet (2002), refletindo sobre a ampliação causada pelo contato e pela aproximação linguística e seus respectivos usos, afirma que “[...] o mundo é plurilíngue em cada um de seus pontos e [...] as comunidades linguísticas se margeiam, se superpõe continuamente. O pluralismo faz com que as línguas estejam constantemente em contato. O lugar desses contextos pode ser o indivíduo [...] ou a comunidade.” (CALVET, 2002, p. 27).

De fato, partindo de tais pressupostos, é possível afirmar que o tradutor é agente privilegiado dessa sobreposição, lócus desse contexto de inter-relação e interação entre as línguas

por meio de seus falantes. Logo, ao determinar hierarquias entre relações que devem ser estabelecidas por meio dos processos linguísticos, ele reproduz de forma exponenciada restrições às suas produções, oriundas da sociedade, dos falantes e de suas representações. As formas subjacentes das variantes linguísticas produzidas/escolhidas pelo falante, no caso o tradutor, dependem de quão necessária é a utilização de determinada variante para o sucesso da comunicação, seja no intuito de acentuar a diferenciação com aquilo que normalmente se espera e se antecipa de um determinado enunciado (marcado), aproximando a língua-alvo da própria da língua fonte (pró-fonte), ou para atenuá-la, de forma a domesticar estrangeirismos e facilitar a compreensão do leitor do texto alvo. Nesse sentido, Labov (2008) discorre sobre a determinação por trás da produção de variantes: “A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas [...]” (LABOV, 2008, p. 150). De fato, o tradutor pode se deixar influenciar por um conjunto de normas que compõem uma suposta expectativa de um grupo definido de eventuais leitores. Assim, em sua tarefa de “restituição”, ele buscará produzir variantes que reafirmam e atendem a tais expectativas, indo no sentido do fluxo, do que é esperado e consolidado. Ao contrário, ele pode também buscar deslocar o leitor de sua zona de conforto. Dessa forma, o tradutor se coloca como agente de inovação, contrariando o esperado pela produção do inesperado. Assim fazendo, exclui-se de um grupo definido enquanto agente de consolidação da norma culta. Ao sugerir ao leitor variantes que contrariam esse intuito de normatização, o tradutor se solidariza com outro grupo, menor, aquele da criação linguística, que se nutre da amplitude de seu repertório bi ou plurilíngue para dar asas ao discurso. Trata-se de fazer com que o texto de chegada consiga dizer aquilo que ele não saberia dizer se ele se acomodasse ao conjunto de regras imposto pelo uso padrão da língua. Concretamente, ele materializa essa ampliação pela produção de um léxico e de uma construção sintática emprestados ou misturados (híbridos). Vale ressaltar que o interlocutor, no caso o leitor, irá desempenhar um papel de aprendiz, ainda que se trate de um leitor competente, que integra progressivamente formas novas de dizer. Essa capacidade de aceitação de formas novas vai depender do tipo de representações que permeia sua relação com a língua e com as normas que a regem. A reação será sempre inesperada e incontrolável, tributária de um conjunto de circunstâncias e de contingências que configuram a relação leitor, texto e autor.

Vale ressaltar ainda que as regras se combinam, pelo discurso e pela interação, em sistemas que se organizam em processos de fala (emissor – mensagem – receptor), de interlocução, de mistura linguística, em relações entre falante-ouvinte, escritor-leitor e, por fim, por meio de hierarquias estabelecidas entre o modelo e a suposta imitação. Assim, embora a primeira vista falar de interação acerca do processo de tradução possa parecer impertinente, tendo em vista que os receptores da mensagem não se encontram presentes durante a produção, afirmamos que a tradução encena e projeta intermediações que colocam em presença entidades a priori ausentes da situação relacional para uni-las em um emaranhado polissistêmico. Por meio de projeções, tanto para trás como para frente, o tradutor constrói o diálogo de acordo com regras que ele pressupõe e que agem em favor da recepção. Ao encarnar de um lado o leitor - o emissor - de uma mensagem e de outro o autor - o receptor - de outra, ele restabelece o elo físico inerente a toda interação. Dialogando com diversas instituições, todas elas circunscritas por modelos e padrões impositivos, o tradutor estabelece uma relação, apesar de virtual e abstrata, entre os falantes envolvidos no sistema de emissão/recepção construído por sua tarefa. Pode-se dizer que ele assume o papel de agente de um contato, linguístico e cultural, que se efetiva enquanto produto misto tributário de diversas influências colocadas à prova no momento em que constrói um sistema de equivalência provisório e instável. Movido pela sensação de depositário de um sentido, o tradutor se autoriza a condição de responsável pela distribuição, ampliação e perpetuação desse sentido, ainda que de forma inconsciente. Ele o faz respaldado pela certeza de dominar uma dupla competência cultural e linguística e um conjunto de elementos contextuais colocados por ele em situação de equivalência. Para tanto, à medida que cria o contato, constrói também uma fronteira entre os textos e os interlocutores, fronteira esta, consolidada pelas diferenças que se impõem a ele quando escreve. Na comparação – distinção e semelhança -, ele negocia referentes e amplia o sistema de associação que ele próprio inaugura: entre confrontação e consolidação de normas, torna um texto mensageiro do outro.

Assim, as relações comunicacionais se efetivam no processo de mistura de línguas (*code mixing*) ou de mudança de códigos (*code switching*), de acordo com a escolha do tradutor ou do falante de interpretar a mensagem aproximando-a ou da fonte ou do alvo. Esse emaranhado polissistêmico se constitui por meio da inter-relação entre as áreas do conhecimento, os processos comunicativos e as diversas acepções produzidas pela relação entre o emissor, a mensagem e o

receptor. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2014) afirma que as escolhas do falante podem revestir um significado simbólico com relação ao seu interlocutor:

Não é somente na relação entre línguas oficiais de dois ou mais países que se pode observar o papel de símbolo identitário de um código linguístico. Também no âmbito de uma mesma língua, é notável como os usos linguísticos são um instrumento que os falantes usam para marcar sua identidade, especialmente sua origem geográfica. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 28)

A autora acrescenta ainda que “a implementação de uma variável sociolinguística funcionando como um indicador de pertinência a um local, ou de identidade com um grupo social [...], pode ocorrer em qualquer comunidade de fala” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 58). Assim, retomando tais pressupostos, atribui-se ao tradutor um papel determinante na busca de variantes capazes de adequar-se e readequar-se a um novo contexto de recepção, a novos sistemas de normas, tendo ele uma percepção aguda dos desafios da interação que ele inaugura.

Por fim, vale questionar à guisa de conclusão como as regras e os sistemas de regras mudam sob o impulso do ato tradutório e quais são os mecanismos de ampliação que se manifestam pela tradução, em termos de criação e inovação linguísticas? Segundo Labov (2008), “os dados mais simples para se estabelecer a existência de uma mudança linguística são um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes – gerações de características sociais comparáveis que representam estágios na evolução da mesma comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 194). De acordo com o autor, a mudança linguística se percebe a partir de uma observação diacrônica, evolução esta que se concretiza paulatinamente por meio das produções contínuas e da evolução das necessidades sociais e dos desafios comunicativos que emergem das novidades interacionais. De fato, os mecanismos de ampliação da língua, tanto lexical quanto morfossintática, são introduzidos “pelos processos de assimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características físicas ou psicológicas do indivíduo” (LABOV, 2008, pp. 19-20). Assim, as regras evoluem independentemente dos indivíduos, pois uma diferença diacrônica intervém sorrateiramente entre as comunidades de fala. Assim, reafirma que as línguas evoluem junto com as gerações, sem que intervenha necessariamente uma decisão direta por parte de um indivíduo. Elas evoluem pelas produções na comunidade em suas interações com as demais, por meio de contatos que se desdobram em novas formas de variações

linguísticas. Existem, todavia, na sociedade agentes de mudança que, pela sua prática, despertam uma transformação, ainda que esta se consolide somente com uma produção contínua e coletiva, atestada e validada pelo grupo. O tradutor intervém como um desses agentes, pois é explicitamente incumbido de associar produções intralinguísticas. Ele alimenta o falante com novas formas introduzidas no momento em que age de maneira metalinguística sobre uma das variedades. Assim, promove, além de um encontro, uma ampliação ou até uma fusão de variantes inovadoras. É de sua intervenção que surgem marcas estrangeirizadoras que irão paulatinamente, à medida em que forem acolhidas, sendo familiarizadas e estabelecendo-se definitivamente como parte do repertório dos falantes. Por seu papel reconhecidamente criador e suficientemente dotado de autoridade para validar essas marcas, abre um lugar inesperado para a inovação linguística. Perceber portanto seu papel incontestável de mediador linguístico e cultural é também atribuir ao tradutor o mérito que a ele cabe de malabarista da língua: são as contorções que ele impõe às produções para satisfazer tanto as necessidades de um suposto autor e de seu texto, quanto aquelas dos seus futuros interlocutores que produzem ondas de variação. Esse grande movimento para-linguístico propicia um frescor e enlaçamentos que, nas falas dos indivíduos encontrará sua estabilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FARACO, Carlos Alberto (org.). **Estrangeirismos – Guerras em torno da língua.**; 3. Ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ⁱ Sabine Gorovitz: Doutora em sociolinguística (2008) pela Université Paris Descartes, França. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1128682155965179>. Acesso: outubro 2016.

ⁱⁱ Leonardo Martins Lopes: Bacharel em Comunicação Social (2008) pela Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas (Facitec/Estácio). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0543073590222084>. Acesso em: outubro de 2016.

RECEBIDO EM: 5 de outubro de 2016

ACEITO EM: 26 de outubro de 2016